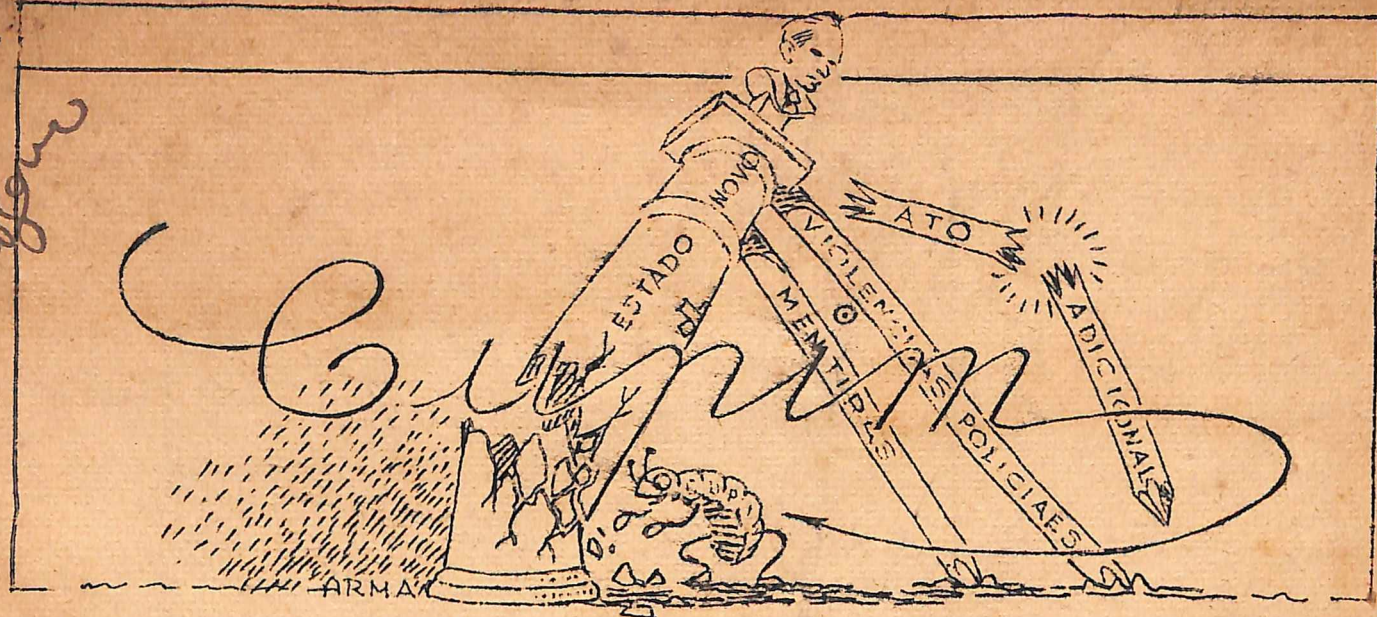


de filiação



ÓRGÃO DE CIRCULAÇÃO INTERNA ENTRE OS ESTUDANTES DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE.

ANO I -

Recife, 3 de Abril de 1945

- Nº 3

EM MEMÓRIA DE DEMÓCRITO DE SOUZA FILHO

CUPIM circula hoje, excepcionalmente, no trigésimo dia do assassinato de Demócrito de Souza Filho. Esta nossa edição será dedicada, toda ela, ao camarada morto na Praça da Independência. A existência do CUPIM, tão curta no tempo, vasta, porém, na alta significação, é moldada nos mesmos princípios de resistência construtiva à prepotência desenfreada. E hoje, com a lembrança viva do colega sacrificado, CUPIM reafirma a sua atitude de combate intransigente ao Estado Novo. Hoje mais que nunca, o CUPIM, esta corajosa voz livre de PERNAMBUCO continuará a sua missão. A morte de Demócrito reuniu energias outras, energias que julgávamos estivessem adormecidas. Anulou, por completo, as últimas esperanças dos que, suggestionados pela propaganda do DIP, acreditavam ainda nos homens de 37. Após sou, para completa repulsa, à mistificação estadonovista, os últimos retardatários. Por isso, CUPIM não é, hoje, um jornal dos estudantes de Pernambuco. Ele é, pode-se dizer, a única forma de expressão da consciência pernambucana livre.

Dessa consciência da qual Demócrito, trinta dias antes, lá da sacada da Faculdade, se tornara um interprete, ao declarar que "Vargas traíra o espírito democrático da Revolução de 30". Caiu momentos depois, Demócrito. Mesclaram-se com fios vermelhos seus cabelos louros. E Demócrito morreu. Cumpria, assim, o Estado Novo o programa, premeditadamente elaborado, de eliminação sistemática dos valores nacionais. A Nação, o crime foi denunciado. E a consciência jurídica nacional o repeliu como um dos atentados mais monstruosos da nossa história política.

Mas, em Pernambuco, a Ditadura foi além. Receiando o julgamento da opinião pública fizeram calar, pela força, a imprensa livre.

E CUPIM, idealizando um dia, saiu no outro com o objetivo de denunciar os embustes e os crimes dos ilegítimos detentores do poder.

Nesse seu terceiro número CUPIM recorda Demócrito de Souza Filho. Recorda a sua figura amigável, na amizade que era de todas as horas, na amizade não determinada pelas circunstâncias. Recorda a pureza de sua fé democrática, sem a mácula das desilusões.

E, sobretudo, recorda seu espírito de luta ao mesmo inoperante, espírito de luta que é também o nosso, o do povo, o do Brasil!

DDEMÓCRITO MORREU PELO HOMEM DO POVO

Tentando mistificar a opinião pública, os matadores de Demócrito, numa Nota Oficial da Segurança Pública, transbordante de cinismo, acusaram os operários pernambucanos de assassinos do nosso bravo e heróico companheiro.

Prosseguindo na velha e desacreditada política de dividir para permanecer, tentaram criar incompatibilidades entre estudantes e operários, procurando anular estas duas forças democráticas da nacionalidade. Mas a vil calúnia foi esmagada no nascedouro pela repulsa das consciências livres do país.

Não se podia conceber a lealdade do operário brasileiro a um regime fascista e reacionário, que prendeu, exilou e fez morrer em meio aos mais deshumanos requintes de perversidade os verdadeiros líderes trabalhistas, substituindo-os pelos asseclas do regime, investidos nas funções de dirigentes sindicais.

Não se podia conceber a lealdade do operário a um regime onde um instituto de previdência arrecada dos trabalhadores, num ano, mais de 400 milhões de cruzeiros e distribue em benefícios apenas 77 milhões, reservando o saldo para empréstimos a plutocratas e aliciados do mandonismo, negando assistência médica, farmaceutica e hospitalar aos seus associados, quando possui uma reserva de um bilhão e quinhentos milhões de cruzeiros.

Não se podia conceber a lealdade do operário a um regime que arrecada um imposto sob a alegação de destiná-lo à assistência aos trabalhadores e desvia toda uma fabulosa quantia para fins outros, enquanto os operários do Brasil chafurdam na lama de um dos mais baixos padrões de vida de todo o mundo.

Não se podia conceber a lealdade do operário a um regime que lhe negou o direito de greve e aliberdade sindical, controlando policialmente as eleições nos órgãos de classe, visando, com tudo isso, acorrentar o operário ao pelourinho do Estado para escravizá-lo, como já o fizeram Hitler, na Alemanha, Mussolini, na Itália e Franco na Hespanha.

Não se podia conceber a lealdade do operário a um regime que negou aos empregados da Pernambuco Tramways e aos heroicos seringueiros da amazônia um justo aumento de salário que pleitearam; que deixou, ao abandono, trinta mil trabalhadores que se dirigiam para as lavouras paulistas; que negou um pedido de majoração de salários feito pela Federação das Indústrias de Minas Gerais; que não permitiu a publicação do pentálogo das aspirações trabalhistas apresentadas ao Ditador pelos operários gaúchos; e mandou prender e processar pelo Tribunal de Segurança 500 trabalhadores da Cia. Siderúrgica, por motivo de faltarem ao trabalho.

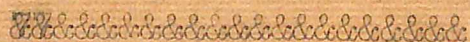
Não se podia conceber a lealdade do operário a um regime que deu franco apoio aos gananciosos, elevando de 300% o custo de vida, e enquanto, despidoradamente, dizia estar favorecendo o trabalhador com a irrisória melhoria de 30% em seu salário mínimo.

Por tudo isso, não demos fé às calúnias governamentais. Vimos, antes, nelas, o medo dos assassinos do povo, sentindo que a hora do julgamento nacional havia soado e que o operário do Brasil não desmentiria as suas tradições de bravura e lealdade às causas do povo.

Expressamos aqui, pois, em nome do colega morto, o nosso protesto contra a atitude capiciosa dos verdugos da nacionalidade.

Demócrito de Souza Filho morreu batalhando pelos sagrados direitos do HOMEM DO POVO. Demócrito de Souza Filho sacrificou-se pela redenção do operariado.

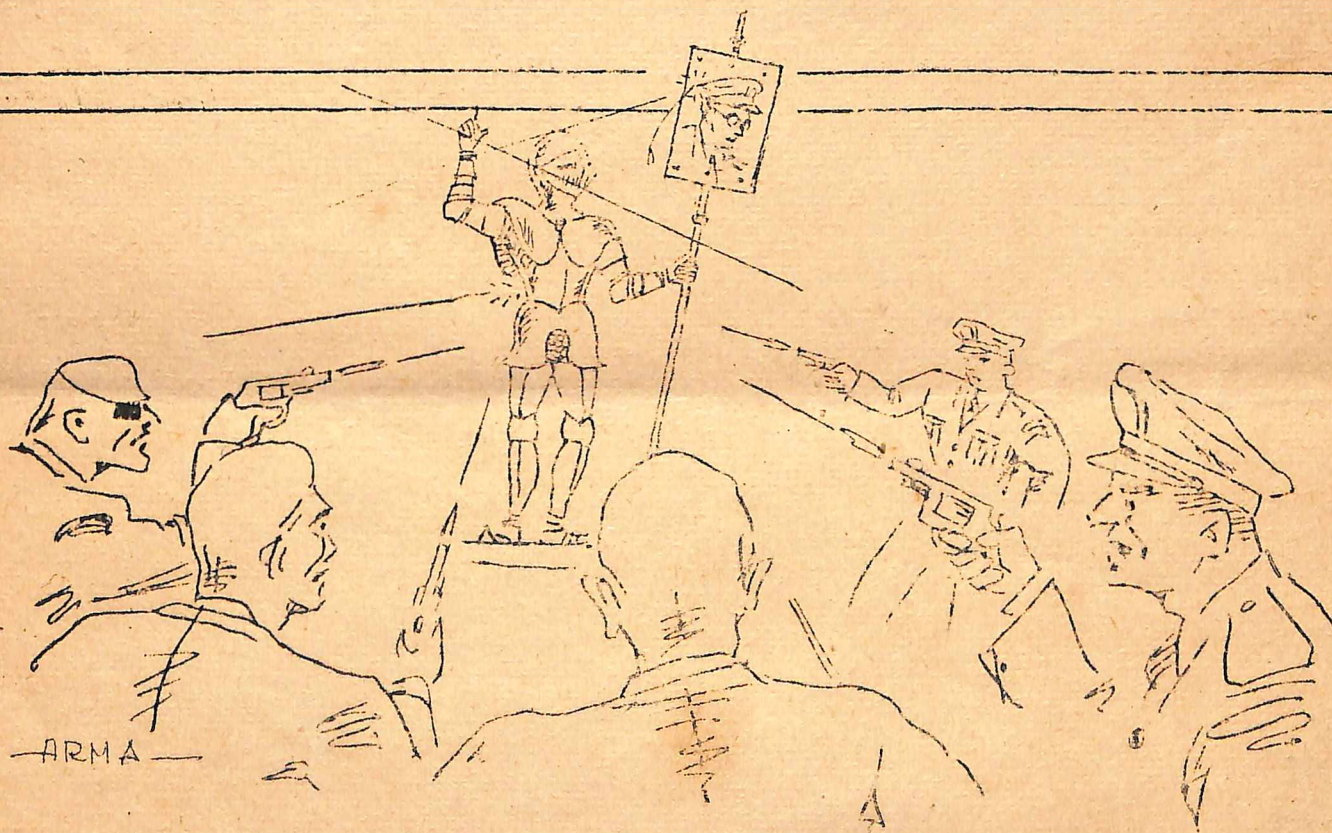
Glória ao seu nome! Execração aos seus assassinos!



NÃO TRANSIGE, NÃO ESQUECE E NÃO PERDOA

O regime em que estamos vivendo é realmente o regime da mistificação. Os mesmos que assassinaram Demócrito na praça pública, fugindo à responsabilidade criminosa e temendo a revolta do Brasil inteiro, deturpam os fatos e tentam impingir uma verdade fabricada nos seus gabinetes, acostumados ao DIP e à falsa propaganda. Atin- gem o cinismo e um desplante revoltante as notas e editoriais, com que procuram lançar sôbre o velho Diário de Pernambuco, cuja voz democrática a prepotência fez calar, a responsabilidade pelo assa- sino de um dos grandes interprestes da nossa geração, aquele que se tornou o maior de todos, pelo seu idealismo e pelo seu sacrifi- cio.

Mas a verdade é por todos conhecida e a opinião pública, ac- costumada a considerar nos seus devidos termos as afirmações dos que elegeram a calúnia e a mentira sustentáculos do seu poder ile- gítimo, aponta um só responsável pelo crime, tanto mais lembrado, quanto mais revoltante: a polícia de Pernambuco, a mesma polícia, cuja missão é garantir a ordem e cujo fim não pode ser outro senão resguardar o livre exercício dos direitos do cidadão.



A PRAÇA É DO POVO, MAS EM PERNAMBUCO SÓ DE COURAÇA.

Os estudantes de Pernambuco têm seu caminho balisado pelo ~~na~~ sangue do companheiro morto. O assassinio de Demócrito de Souza Fi- lho uniu a classe numa só revolta e num só ideal: o ideal de bata- lhar, sem descanso e sem tréguas, pela grande causa que êle procla- mou, da sacada da Faculdade de Direito, minutos antes do seu sacri- fício. A causa da extinção do fascismo e da restauração democrati- ca do Brasil.

Os agentes da ditadura sentem a força desse juramento de uma geração, infensa ao suborno e à covardia. Eles aprenderam na Histó- ria que as determinações da mocidade são indomáveis, porque trazem consigo a pureza e o idealismo das grandes cruzadas.

E então recorrem os fascistas ao velho expediente, tão usado pelos seus colegas de outras terras: mistificar mais uma vez, mis- tificar sempre. Buscam na confusão a cortina que esconderá do povo a verdade que os aterroriza e que os faz tremer. Espalham pelos ~~xx~~ seus jorais que os estudantes estão divididos e que não passa de uma atividade de grupo, o grande movimento da classe. Utilizam-se

dos elementos subornáveis, estudantes por acidente, investigadores, para, em nome das Escolas, apresentar solidariedade àqueles mesmos que oprimem a Nação e mataram Demócrito de Souza Filho.

Ainda, recentemente, um integralista ousou definir-se em nome de uma mocidade que repudia o seu credo e a sua vocação de oportunista e, depois, intimado a se explicar, retratou-se, declarando que falara pelos signatários de um manifesto, cujo número não passara de 29. E em todo o meio universitário pernambucano a aquele renomado fascista, não encontrou outros que o acompanhassem em seu pronunciamento indigno, serão os irmãos e parentes da classe oficial.

É uma afronta a mais que cometem os ludibriadores do povo. Os estudantes de Pernambuco, unidos no mesmo ódio santo aos assassinos, aos caluniadores e aos transfugas, vão mostrar, estão mostrando já, aos donos de um poder sem expressão moral, a força inextinguível de um idealismo que NÃO TRANSIGE, NÃO ESQUECE E NÃO PERDOA.

~~~~~

E eis a prova dos verdadeiros sentimentos dos estudantes de Pernambuco: integral do "Manifesto dos Universitários Pernambucanos", assinado pelos presidentes dos Diretórios das Escolas Superiores do Estado.

"Os estudantes de Pernambuco, feridos em seus mais sagrados direitos, não só pelo revoltante assassinato do bravo e talentoso Demócrito de Souza Filho, como também pela cinica nota com que a Secretaria da Segurança Pública pretende noticiar os acontecimentos da Praça da Independência, esquecem nesta hora suas divergências, e unidos sem distinção de Escolas, denunciam à Nação, esse ato de selvagem violência praticado pela Polícia Civil do Estado.

Esclarecem o seguinte:

- 1ª - Que não resta a menor dúvida no espírito do povo pernambucano acerca da autoria do odioso atentado;
- 2ª - Que repelem veementemente as explicações falsas, com que os autores desse ato criminoso tentam se esquivar à responsabilidade que lhes cabe, imputando ao velho órgão da imprensa brasileira - o Diário de Pernambuco - a autoria do mesmo;
- 3ª - Que conhecedores do empenho com que certos elementos procuram iludir a boa fé dos trabalhadores brasileiros, tentando incompatibilizá-los com as classes estudantis, manifestam a sua repulsa a essa ignóbil exploração;
- 4ª - Que se associam inteiramente ao grande pesar da Faculdade de Direito do Recife, pela morte do companheiro de lutas, Demócrito de Souza Filho, cujo sacrifício é um incentivo à defesa da classe estudantina e da Nação inteira.

Assinam:

|                            |                                                         |
|----------------------------|---------------------------------------------------------|
| Odilon Ribeiro Coutinho    | (Presidente da U.E.P.)                                  |
| Paulo Soriano de Souza     | (Pres. Diretório Acadêmico Faculdade Direito Recife)    |
| Joaquim Arcoverde          | (Pres. Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia Pe)  |
| J. Batista de Lima Brandão | (Pres. Diretório Acadêmico Esc. Sup. Agronomia e Quim.) |
| Alexandre Medeiros         | (Pres. Diretório de Medicina e Cursos Anexos)           |
| Jorge dos Santos Souto     | (Vice-Pres. Diret. Faculdade Ciências Econ. de Per.)    |
| Gilberto Fernandes Cunha   | (Pres. Diret. Acad. Fac. Filosofia Manoel da Nobrega)   |
| Belmiro Menelão            | (Pres. D. Ac. Belas Artes)                              |
| Manoel Campos Filho - pelo | (Pres. D. Ac. Fac. Comércio e Economia de Pernambuco)   |



## O SANGUE DE DEMÓCRITO

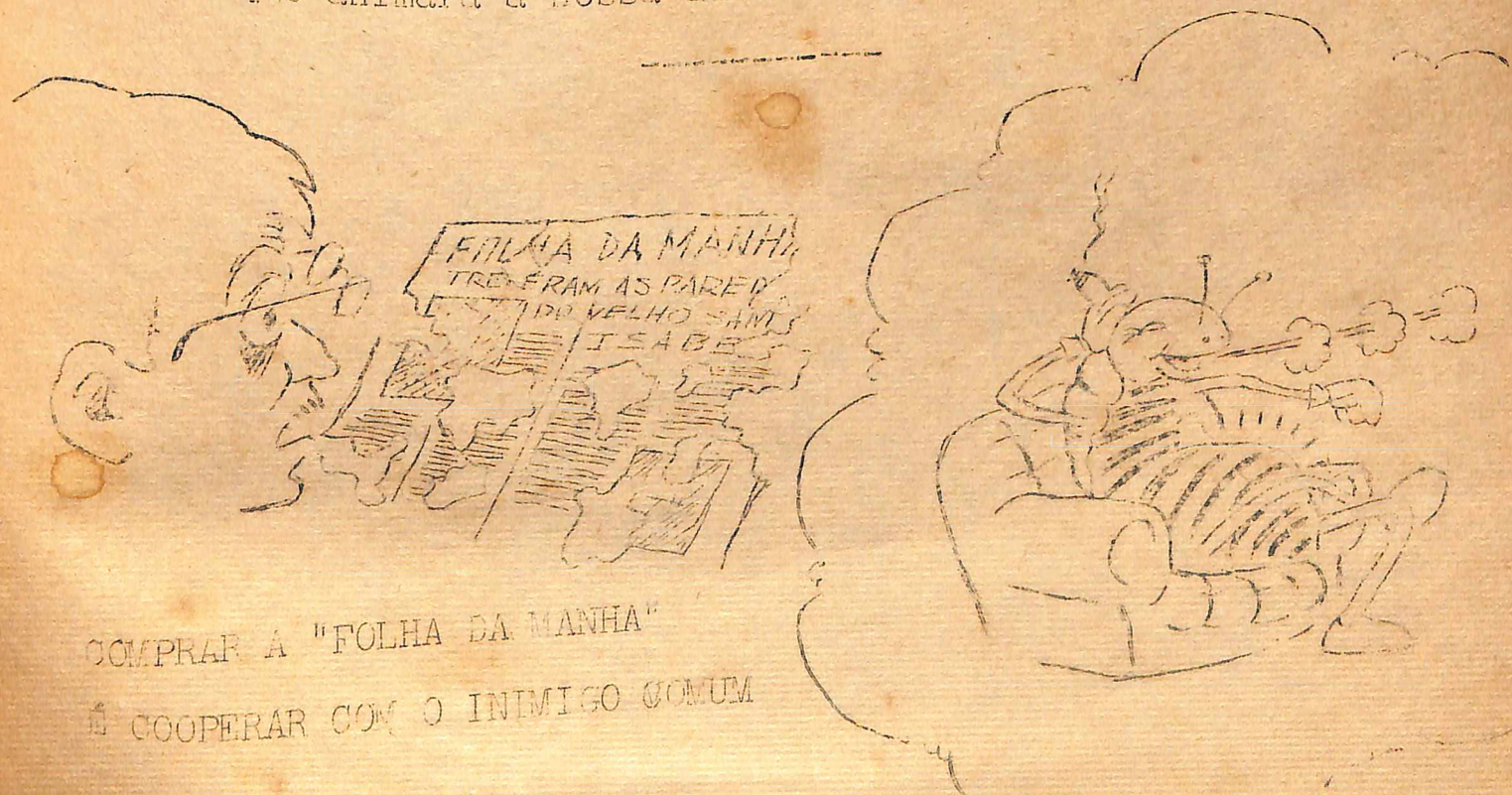
Quem deixará de chorar a tua morte, meu querido amigo? As mães choram nas ruas um filho que não era seu. Os teus colegas não se conformam com o teu lugar vazio na sala. A mocidade perdeu o seu líder, mas o teu sangue derramado retemperou as forças na luta pela causa comum. A Faculdade pôs o teu retrato na galeria dos mártires para que as outras gerações pesem o teu sacrifício. A Liberdade tomou-te em seus braços e te mostrou às multidões como um exemplo de heroísmo. A Democracia brasileira te apontou como a primeira vítima nessa luta contra o fa-scismo, contra o varguismo. A Pátria perdeu um filho que era sua esperança.

.....

Mas não eras tu que dizias, Demócrito, que a vida é luta, é luta por um ideal? Não eras tu que dizias que se morre sorrindo, quando se morre pela causa da Liberdade? Sim, Demócrito, tu dizias e cumpriste tua palavra derramando o teu sangue, morrendo na praça pública, na praça que era do povo e que hoje é do governo. Pois bem, meu querido amigo, mataram-te, assassinaram-te com uma bala premeditada, mas hoje eles tremem com medo do crime. Eles regaram com sangue a terra pernambucana - já ensopada pelo sangue de tantos outros mártires da Liberdade - e agora pelo teu sangue cheio de idealismo, cheio de amor, cheio de Democracia. E te matando, eles pensavam afogar o pensamento livre do povo, mas erraram os tiranos nacionais, como erraram os tiranos de outras terras, porque as aspirações do povo resistem a tudo.

.....

A resposta a teu assassinato foi o povo gritando nas ruas numa onda de protesto, as congregações das Escolas se reunindo para denunciar a nação a barbaridade do crime, o Brasil inteiro condenando a única nota da Secretaria de Segurança Pública, os homens de vergonha que serviam ao governo fugindo desse covarde arcabuzador de estudantes indifereços. E o sangue que derramaste é o mesmo que circula em nossas veias, é o mesmo que esta corrente entre as linhas do CUPIM e é ainda ele que animará a nossa luta até a vitória.



COMPRAR A "FOLHA DA MANHA"

É COOPERAR COM O INIMIGO COMUM

Recife, 3 de Abril de 1945 - 558 da República e toda Escravidão  
Fascista.